

A REALIZAÇÃO PROSÓDICA DOS CLÍTICOS FONOLÓGICOS NAS CANTIGAS RELIGIOSAS DE SANTA MARIA

Tauanne Tainá Amaral¹

tauanneamaral@gmail.com

RESUMO: O escopo deste artigo é expor o estudo do direcionamento da adjunção dos pronomes clíticos no Português Arcaico (século XIII), a partir das cantigas medievais religiosas remanescentes (as 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o rei Sábio), a fim de se chegar, a partir daí, à determinação do direcionamento da cliticização e a pistas da constituição de constituintes prosódicos maiores (tais como palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, grupo entoacional e enunciado fonológico), considerando-se, como ponto de partida, a estrutura sintática dos enunciados e o direcionamento da cliticização sintática. Como a origem e a evolução dos fenômenos prosódicos do Português ainda são, em grande parte, um dos pontos mais inexplorados da história da nossa língua, a descrição dos fenômenos prosódicos e de sua relação com os processos segmentais de um período passado desta língua (no caso, o PA) constitui uma contribuição importante e inédita no sentido de elucidar mais completamente a história da Língua Portuguesa. O embasamento teórico para a análise é dado pelos modelos fonológicos não-lineares, sobretudo o modelo prosódico (Selkirk, 1980, 1984; Nespor & Vogel, 1986; Tenani, 2002). A metodologia baseia-se no mapeamento dos pronomes oblíquos e reflexivos clíticos presentes nas cantigas. Desta forma, essa abordagem da pesquisa visa uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, uma vez que, a partir da quantificação da ocorrência dos pronomes oblíquos e reflexivos clíticos nas cantigas e do seu posicionamento, pretende-se chegar a afirmações quanto à formação de constituintes prosódicos superiores.

PALAVRAS-CHAVES: Pronomes Clíticos; Grupo Clítico; Prosódia.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de um estudo² sobre o direcionamento da adjunção de clíticos fonológicos no Português Arcaico (século XIII), a partir das cantigas medievais religiosas remanescentes (as 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o rei Sábio), a fim de se chegar, a partir daí, à determinação do direcionamento da cliticização e a pistas da formação de constituintes prosódicos maiores (tais como palavra fonológica, grupo clítico,

¹ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp – Campus de Araraquara.

² Este estudo é fruto de uma pesquisa que está vinculada a um Projeto mais amplo, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e coordenado pela orientadora deste Projeto, Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari.

frase fonológica, grupo entoacional e enunciado fonológico). Trata-se de averiguar a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA (Português Arcaico).

Não há estudos específicos sobre o posicionamento dos clíticos no PA, desenvolvidos sob a perspectiva filológica. No entanto, há informações pontuais sobre o posicionamento de artigos, pronomes oblíquos e preposições em trabalhos de cunho filológico, como o de Michaëlis de Vasconcelos (19--), José Leite de Vasconcellos (1959), Edwin Williams (1973), Silva Neto (1956), Cunha (1961), Bueno (1963) e Rodrigues Lapa (1965, 1966); tratam também do assunto trabalhos mais recentes, como Mattoso Câmara (1973, 1977, 1985, 1989) e Mattos e Silva (1989, 1991).

Mais recentemente, especificamente com relação à colocação dos clíticos do Português Europeu Clássico ao Moderno, do ponto de vista sintático, tem-se os trabalhos de Galves, Sousa e Britto (2005) e Galves e Sandalo (2004), que dão continuidade a abordagens anteriormente feitas por Abaurre e Galves (1998), Galves e Abaurre (2007), e Abaurre, Galves e Scarpa (1999), sobre a relação entre a cliticização sintática e a prosódica, no Português Brasileiro. Tais trabalhos reconhecem a importância do mapeamento do direcionamento da cliticização para o estudo da prosódia das línguas (vivas e mortas). Como se pode ver, esses trabalhos focalizam etapas posteriores do contínuo temporal do português; desta forma, a presente pesquisa se pretende como uma contribuição ao estudo da prosódia no português medieval, etapa em que a língua falada na área geográfica de Portugal ainda se “confundia” com a variedade galega (a ponto de ser identificado como “galego-português”), e em que se formava e se afirmava culturalmente como língua “independente” do latim, como língua da nação portuguesa que apenas emergia e como língua de cultura adequada a manifestações poéticas e em prosa.

A metodologia baseia-se no mapeamento de todos os pronomes oblíquos clíticos (acusativo, dativo e reflexivo), a partir de sua ocorrência nas 40 primeiras *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X (1221- 1284) Desta forma, a pesquisa desenvolvida visa uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, uma vez que, a partir da quantificação da ocorrência dos pronomes clíticos nas cantigas e do seu posicionamento, pretende-se chegar a afirmações quanto à constituição de constituintes prosódicos superiores.

As cantigas foram lidas a partir de edições fac-similadas ou microfímes³, com o apoio de edições diplomáticas e críticas, principalmente a edição de Mettmann (1986-1989) das *Cantigas de Santa Maria* (daqui em diante CSM). São quatro os códices contendo cantigas da coleção das CSM: dois deles pertencem à Biblioteca del Monasterio de El Escorial, na Espanha; o terceiro está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid; e o último pertence à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, Itália.

1. BREVE REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A DEFINIÇÃO E O STATUS PROSÓDICO DOS CLÍTICOS

Primeiramente cita-se a definição de Basílio (2006, p. 16), que descreve os clítics de um ponto de vista morfofonológico:

Dá-se o nome de clítics a unidades que se agregam a uma palavra fonologicamente, sem fazer parte dela do ponto de vista morfológico. Em português, temos nessa situação os artigos, assim como vários pronomes pessoais: -o, -a, -me, -te, -se, etc. Esses pronomes são chamados clítics porque não apresentam acentuação própria; são átonos, integrando-se à pronúncia do verbo, apesar de não fazerem parte dele do ponto de vista morfológico.

Assim como essa lingüista, mas dezoito anos antes, Dubois (1978, p.112 a 113) também apresenta uma abordagem morfofonológica dos clítics, considerando-os elementos que se agregam fonologicamente a outras palavras sem fazer parte delas morfológicamente.

Dão alguns o nome de clítics aos pronomes átonos, como me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, etc. ex.: Ele *me* disse isto. Um uso mais lato do termo, e mais justo, é o que se aplica a todos os monossílabos átonos que dependem, quanto à acentuação, das palavras que os seguem ou os precedem, ou dentro das quais eles se põem.

Xavier e Mateus (1990, p. 78), em uma leitura de Dubois, também apresentam essa visão essencialmente morfofonológica da natureza dos clítics, acrescentando informações relativas à sua classificação quanto à sua posição, que pode ser enclítica, proclítica e mesoclítica. Caracterizam, também, o fenômeno de cliticização como o

³ Estão disponíveis ao Grupo de Pesquisa no qual a orientanda se insere os microfímes desses quatro manuscritos (de propriedade da orientadora deste Projeto), bem como as edições fac-similadas dos manuscritos de Toledo e do Escorial (idem).

Processo que consiste na criação de clíticos, i.e., de elementos autônomos morfologicamente que dependem das sílabas acentuadas das palavras precedentes ou seguintes. Este processo existe provavelmente em todas as línguas de ritmo acentual.

Xavier e Mateus (1990, p. 78) correlacionam a existência do fenômeno de cliticização a um tipo específico de ritmo lingüístico (acentual). Desta forma, a partir da opinião dessas autoras, pode-se dizer que o estudo do fenômeno da cliticização no PA pode trazer importantes subsídios para a sua classificação tipológica quanto ao ritmo, o que pode trazer um grau de relevância maior a esta pesquisa.

Na observação dos gramáticos selecionados, pôde-se constatar que a grande maioria define os clíticos unicamente como pronomes átonos, com exceção de Bechara (2005, p. 89-90), que também os classifica como artigos definidos e indefinidos; numerais; pronomes demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, relativos e pessoais antepostos; verbos auxiliares; certos advérbios; preposições e conjunções. Ele qualifica os clíticos segundos tais classes gramaticais por considerá-las, em português, átonas e proclíticas. Assim ele também discorre sobre a posição dos clíticos, cabendo à posição enclítica apenas os pronomes pessoais do caso oblíquo quando estão pospostos ao vocábulo tônico (Bechara, 2005, p. 89).

Analisando os exemplos dados por Bechara (2005, p. 89 e 90), verifica-se que há uma maior quantidade de classes gramaticais que ele considera como clíticos; ao relacionar os clíticos à tonicidade, ele considera que cada uma das palavras, dentro de sua classificação, pode ser átona ou tônica, “conforme sua posição no grupo de força que pertence” (Bechara, 2005, p.89). Tal fato chama a atenção, pois, como ele mesmo exemplifica, em construções como *o arco desaparece*, temos o substantivo tônico, mas o mesmo utilizado em outro contexto como *arco-íris* recebe a denominação de átono proclítico. Assim, ele considera diferentemente de outros estudiosos, que não somente os pronomes podem ser átonos, mas sim outras classes gramaticais, uma vez que “este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*” (Bechara, 2005, p.90).

Segundo tais autores, o uso da próclise corresponde à “circunstância de se pronunciar um vocábulo auxiliar átono (forma dependente) incorporado ao vocábulo seguinte, em cujo acento se apóia” (Câmara Jr., 1973, p. 319). Já o caso de ênclise refere-se a uma “situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético” (Cunha, 1970, p.40) e, finalmente, a mesóclise, que, talvez por se tratar de um caso mais raro de aparição, não foi descrita em nenhuma das fontes analisadas.

Outro aspecto que merece ser levantado quanto ao posicionamento do clítico refere-se à abordagem feita por Mateus et al. (1994) em sua **Gramática da Língua Portuguesa**. As autoras identificam dois padrões de ordem para os pronomes clíticos que estão relacionados unicamente aos verbos: “(i)... cl-V...”⁴ e “(ii) ...V-cl...”⁵. “Ou seja, os clíticos podem ocorrer na posição de adjacentes ao verbo – posição proclítica – (cf.(li)) e na posição de adjacentes à direita ao verbo - - posição enclítica – (cf. (lii)).” (Mateus et al., 1994, p.331).

2. PRONOMES OBLÍQUOS E REFLEXIVOS CLÍTICOS.

Primeiramente, é importante mencionar que pôde-se perceber a grande frequência do uso proclítico dos pronomes átonos nas CSM, seguida do uso enclítico e, por último, o uso mesoclítico; este fato pode ser comprovado, abaixo, na Tabela 1:

	PRÓCLISE	ÊNCLISE	MESÓCLISE
Oblíquo dativo	233 (41,84%)	96 (45,28%)	10 (71,43%)
Oblíquo acusativo	197 (35,37%)	64 (30,18%)	1 (7,14%)
Reflexivo	102 (18,31%)	46 (21,69%)	2 (14,29%)
Dativo + Acusativo	24 (4,3%)	5 (2,38%)	0 (0%)
Reflexivo + Acusativo	1 (0,18%)	1 (0,47%)	1 (7,14%)
TOTAL	557 (100%)	212 (100%)	14 (100%)

Tabela 1: Posicionamento dos pronomes clíticos

⁴ (i) é, simplesmente, utilizado pela autora para marcar o exemplo da posição proclítica, como uma forma de numeração.

⁵ (ii) é, simplesmente, utilizado pela autora para marcar o exemplo da posição enclítica, como uma forma de numeração.

Processo	Subtotal
PRÓCLISE	557 (71,14%)
ÊNCLISE	212 (27,07%)
MESÓCLISE	14 (1,79%)
TOTAL	783 (100%)

Tabela 2: Direcionamento da cliticização

Os resultados acima demonstram que, no século XIII (período da escrita das CSM), a próclise era o mecanismo mais recorrente de cliticização, em comparação com a ênclise e a mesóclise. Pode ser observado que o número total do uso da próclise é muito superior ao uso da ênclise e da mesóclise. O uso próclítico aparece 71,14%, enquanto que o uso enclítico e mesoclítico aparecem, respectivamente, 27,07% e 1,79%, dados que demonstram a preferência pelo uso da próclise em comparação com as outras duas formas de cliticização.

O mapeamento dos dados e a decorrente classificação dos pronomes clíticos quanto à sua posição em relação ao verbo seguiram a tradição gramatical a este respeito, a exemplo do que faz Mattos e Silva (1993, p. 127-128):

Seguiremos a tradição na análise da colocação do pronome complemento átono [...] que toma como ponto de referência o verbo da frase e considera *enclítico* o pronome sucedendo e adjacente ao verbo; *proclítico*, o pronome antecedendo o verbo e *mesoclítico*, ou no interior do verbo, estrutura possível apenas com o futuro do presente e do pretérito, por causa de sua constituição morfológica histórica, [...]

Ainda em relação ao uso da próclise no PA, segundo Mattos e Silva (1993, p.129), ela é “categórica nas frases negativas, quer subordinadas, principais ou coordenadas”. Este dado pode ser observado com grande recorrência nas cantigas analisadas; abaixo seguem alguns exemplos, transcritos em (1) e (2), em que a presença de formas negativas (em negrito) determina a realização da próclise dos pronomes oblíquos (idem).

(1) porende **non me** maravillo

(Cantiga 38, verso 6)

(2) se fez, que ren **non lles** valia siso nen cordura,

(Cantiga 36, verso 12)

Em (3), pode-se verificar que há a possibilidade de o pronome relativo *que* (em negrito) exercer influência sobre o pronome oblíquo acusativo *o* (idem), fazendo com que ele se realize procliticamente em relação ao verbo *fillou* ao invés de encliticamente.

(3) Pois do mundo foi partido
este confessor de Cristo,
Don Siagrio falido
foi Arcebispo, poys isto,
que o fillou a seu dano;

(Cantiga 2, versos 57 ao 61)

Em (4), abaixo, a presença do pronome relativo *que* (em negrito) provavelmente condiciona o uso proclítico do pronome *mi* (idem).

(4) e est' orgullo **que mi** ás mostrado,
Deus tio demande, que pod' e val;

(Cantiga 15, versos 63 e 64)

Outro fato sugere um refinamento dos condicionantes da procliticização dos pronomes átonos analisados: possivelmente, as orações subordinadas também fazem com que estes clíticos se realizem desta maneira. A esse respeito, Mattos e Silva (1993, p. 128) já afirmava que no PA a anteposição do pronome complemento é regra geral nas orações subordinadas. Em (5) temos um exemplo em que há a possibilidade de ter ocorrido a próclise do pronome *nos*, por se tratar de uma subordinada com verbo na forma nominal infinitiva.

(5) por nos dar gran soldada
no seu reyno e **nos** erdar
por seus de sa masnada
de vida perlongada,

(Cantiga 1, versos 7 ao 10)

Já em (6), nota-se que a próclise do pronome *lles*, possivelmente, está condicionada ao fato de a oração em que o clítico está ser subordinada de gerúndio.

(6) os santos todos a rogar se fillaron, chamando
por seus nombres cada un deles, muito **lles** rogando
que os vëessen acorrer polas ssas piedades.

(Cantiga 36, versos 16 ao 18)

Logo abaixo, será exposto um exemplo em que o advérbio exerce influência sobre o pronome oblíquo, fazendo com que ele se realize procliticamente. No verso abaixo, transcrito em (7), os advérbios *logo* e *dali* podem ter atraído o pronome reflexivo *se* (em negrito) fazendo com que ocorresse a próclise deste pronome em relação ao verbo *partia*.

(7) logo dali **se** partia

(Cantiga 4, verso 53)

Nas análises das *Cantigas de Santa Maria*, observou-se que o pronome clítico pode não depender unicamente do verbo do ponto de vista sintático; a esse respeito Lobo (1990, *apud* Mattos e Silva, 1993, p.128) destaca que no PA, do ponto de vista fonológico, os clíticos pareciam ter uma maior autonomia para se adjungirem a outras categorias gramaticais, ou, de um ponto de vista sintático, não estarem imediatamente adjacentes ao verbo, apresentando algum tipo de material lingüístico (uma classe gramatical que não seja o verbo) entre o pronome e o verbo. Para ter um controle da possibilidade de adjunção prosódica dos pronomes clíticos no PA a outras categorias sintáticas, procurou-se, na análise desenvolvida, sempre marcar a posição do verbo em relação ao clítico e a presença de material lingüístico interveniente, quando pertinente.

Em (8), pode-se notar a presença do advérbio *ja* entre o pronome oblíquo *vos* (em negrito) e a forma verbal *diss'*. Tal fato comprova que há a possibilidade de haver material lingüístico de outra categoria gramatical entre o pronome e o verbo.

(8) de que **vos** ja diss', a ssa moller a Emperadriz o deu,

(Cantiga 5, verso 27)

No exemplo (9), pode-se observar que, do ponto de vista exclusivamente da posição do verbo e da inexistência de material interposto entre este e o clítico, o pronome acusativo *la* está proclítico ao verbo *livrou*, portanto subordinado ao verbo. Mas, se levarmos em consideração os estudos de Lobo (1990, *apud* Mattos e Silva, 1993) e de Leão (2007), citados acima, para quem os pronomes podem se adjungir a categorias distintas do verbo, de um ponto de vista fonológico, teríamos a ênclise do pronome *la* à conjunção *poi(s)*. É

importante mencionar, novamente, que a utilização do hífen foi uma escolha feita pelo editor das cantigas (Mettmann, 1986, p.57). No entanto, em se considerando que a escrita da época não utilizava o hífen (que foi introduzido pelo editor, uma vez que não consta dos manuscritos) como índice de cliticização, pode ser formulada a hipótese de que, neste caso, o pronome talvez estivesse se adjungindo encliticamente à conjunção.

(9) O Conde, poi-**la** livrou dos vilãos, disse-lle: «Senner, (Cantiga 5, verso 75)

Nos exemplos (10), (11) e (12), observa-se que o hífen não foi utilizado pelo editor, uma vez que não é costumeiro quando há amálgama de preposição e artigo (o amálgama de preposição e pronome é mais raro), mas, mesmo assim, há a possibilidade de duas interpretações, quanto à adjunção do clítico. Portanto, do ponto de vista exclusivamente da posição do clítico e do verbo, pode-se considerar a possibilidade de próclise do clítico ao verbo, sendo o amálgama entre a preposição e o pronome um fenômeno de sândi pós-lexical (portanto, pós-sintático); no entanto, fonologicamente, há que se observar que o pronome está unido à preposição *por* (por + lo/la = polo/pola), formando uma unidade acentual com esta, atuando como sílaba átona, em relação à sílaba tônica *po*.

(10) e con muy grand' alegria
foi **pola** pøer (Cantiga 11, versos 38 e 39)

(11) mas d' angeos compania
pola socorrer
vão privado. (Cantiga 11, versos 41,42,43)

(12) foi **polo** matar, per nome Mateus. (Cantiga 22, verso 13)

Leão (2007, p.154) classifica os usos descritos acima unicamente como ênclise do pronome à conjunção/preposição, descartando uma possível análise desses casos como próclise do pronome ao verbo. Menciona, ainda, que se trata de um uso diferenciado da ênclise, se comparado com o português atual.

Um dos fatos que chamam a atenção do leitor das *Cantigas de Santa Maria*, desde a primeira leitura, é o problema dos clíticos em posição de ênclise, que difere frontalmente da situação atual, no português. Hoje, somente os pronomes pessoais oblíquos se ligam encliticamente ao final dos verbos ou de um elemento fossilizado como *eis*. E isso, apenas na língua escrita, em registro bastante formal. Nas *Cantigas*

de Santa Maria, entretanto, tanto podiam ser enclíticos alguns pronomes oblíquos (principalmente os da 3ª pessoa *-o*, *-lo*, *-no*), quanto os artigos definidos e o pronome demonstrativo neutro. O fato é que de certo modo explicável, pois são formas homófonas, com um étimo comum (< *illum*, *illam*), sujeitas aos mesmos processos fonológicos, tanto intra- quanto extra-vocabulares. Quanto ao suporte fonético-fonológico da forma enclítica, no galego-português, tanto podia ser um verbo, quanto um pronome substantivo, quanto um quantificador, quanto um advérbio de negação.

No exemplo (13), repete-se o caso do *pola* (preposição *per* + pronome oblíquo acusativo *la*), em que, considerando a posição do clítico e do verbo e a possibilidade de consideração de processos de sândi/ressilabação, pode ser considerado um caso de próclise do pronome ao verbo *aver*; já do ponto de vista da relação tonicidade/atonicidade do pronome e do seu entorno, fonologicamente pode-se considerar a ênclise do pronome à preposição *per*.

(13) E **pola** aver fazia o que vos direi:

(Cantiga 16, verso 15)

Outro exemplo em que o hífen não foi utilizado pelo editor como possível índice de cliticização está transcrito em (14), abaixo:

(14) nono quiseron receber

(Cantiga 24, verso 25)

Neste caso, observa-se que o pronome pode estar adjungido encliticamente à forma negativa *non*; segundo Leão (2007) seria uma utilização diferenciada se levarmos em consideração o uso do português atual. Outra possibilidade possível e adotada neste trabalho é a próclise do pronome ao verbo *quiseron*, uma vez que os costumes de segmentação da escrita da época diferiam muito dos atuais; desta forma, pode tratar-se apenas de um caso de adjunção na escrita e não necessariamente na fala.

Já o exemplo (15) também apresentou dificuldades no momento de classificação, pois, como pode ser observado, temos um pronome entre dois verbos; assim há a possibilidade de duas classificações: ou teremos a ênclise ao primeiro verbo (critério adotado neste estudo), ou a próclise ao segundo verbo. O critério escolhido para a classificação do posicionamento dos pronomes clíticos, nestes casos específicos, foi o mesmo adotado pelo editor das cantigas (Mettmann, 1986, p.57), que considera que o pronome se adjunge encliticamente ao primeiro verbo - prova disto é que o editor utiliza o hífen, que não aparece nos manuscritos, para marcar o direcionamento da cliticização, segundo a sua opinião (apesar de não explicitar esse critério, uma vez que não constam de sua obra as normas de edição).

(15) a prezes, foi-**lle** nenbrar

(Cantiga 18, verso 41)

Outra possibilidade de classificação no exemplo (15) seria a próclise do pronome oblíquo dativo *lle* ao verbo principal *nenbrar*.

No exemplo (16), abaixo, o pronome reflexivo *sse* poderia ser classificado como proclítico quando subordinado ao verbo no gerúndio: *correndo*.

(16) foi-**sse** correndo

(Cantiga 18, verso 45)

Assim, os dados analisados mostram que, no período arcaico, havia três possibilidades de colocação do pronome oblíquo - próclise, ênclise, mesóclise -, geralmente subordinado ao verbo, mas podendo se adjungir a algumas outras categorias gramaticais.

Os versos utilizados para exemplificar as dificuldades encontradas na classificação efetuada não são os únicos que apresentam as especificidades relatadas acima; por isso, é importante comentar que nas análises há outros exemplos dos mesmos casos descritos. Somente alguns exemplos foram selecionados para que se pudesse mostrar as dificuldades encontradas quando da classificação dos clíticos.

Uma outra dificuldade em se determinar com certeza o direcionamento da cliticização diz respeito à ordem sintática dos versos das cantigas, já que a inversão fazia parte do repertório estilístico do discurso dos trovadores.

[...] outro fenômeno parece ser um fator de complicação da sintaxe afonsina: o grande número de hipérbatos ou de inversões, isto é, de alterações daquilo que seria a ordem direta. O hipérbato é às vezes tão violento que a sua descodificação exige mais de uma leitura, com razoável esforço interpretativo por parte do leitor. (LEÃO, 2007, p. 161)

Nas cantigas analisadas, a dificuldade enfrentada diante dos hipérbatos não foi tão grande, uma vez que eles não eram tão intrincados. Abaixo, temos um fragmento com a presença do recurso da inversão utilizado pelo trovador:

(17) *Porque o a Groriosa*

achou muy fort' e sen medo

(Cantiga 2, versos 37-38)

Como podemos observar, no exemplo (17), o pronome oblíquo acusativo *o* está em uma posição que confere certa dificuldade de compreensão ao verso. Na reconstrução do sentido a partir da ordem direta do enunciado acima, tal pronome deve ser colocado ou na

posição de próclise ou na de ênclise em relação ao verbo *achou*. Neste sentido, a dificuldade de análise, neste caso, envolve a seguinte decisão: em se considerando a ordem inversa, não-direta, empregada pelo trovador, o pronome *o*, deve ser considerado como cliticizado encliticamente a *porque*, procliticamente a *a Grroriosa* ou, mesmo estando distante superficialmente do verbo, procliticamente a este?

Outro levantamento relevante feito durante as análises diz respeito aos pronomes *mi*, *ti*, *si*, *nos* e *vos*. Durante a realização das análises, eles também geraram uma dúvida fundamental: quando considerá-los clíticos, já que a grafia empregada para eles pode corresponder, por um lado, tanto ao pronome dativo não-regido por preposição (átone) ou, por outro, ao pronome dativo regido por preposição ou ao pronome nominativo (tônicos)?

No exemplo (18), abaixo, notamos que o primeiro *vos* que aparece é um pronome oblíquo dativo e não está precedido de nenhuma preposição, portanto não desempenha a função de núcleo, por isso o consideramos um clítico. Seguindo um pouco mais adiante, vemos que aparece outro *vos*, mas agora desempenhando a função de pronome dativo precedido de uma preposição, por esse motivo o julgamos tônico (e, portanto, não-clítico).

(18) e ben vos mostramos
que Deus prenderia
de vos gran vingança.»

(Cantiga 9, versos 105-107)

Além do mais, é relevante ressaltar que a tonicidade dos pronomes *mi*, *ti* e *si* (sugerida por Massini-Cagliari, 2005) pôde ser confirmada, pois tais pronomes, muitas vezes, aparecem em posição de proeminência principal do verso, o que lhes garante sua força, do ponto de vista rítmico.

Em muitos dos versos, apenas a última palavra (ou a sílaba proeminente da última palavra) recebe o acento, isto é, constitui o único acento do verso. Em outros, várias palavras recebem o acento. No entanto, o último acento do verso é sempre mais forte do que os outros. (Massini-Cagliari, 1995, p. 204)

O *status* tônico desses pronomes pode ser confirmado a partir dos os versos abaixo retirados de duas cantigas; neles, os pronomes em questão recebem o acento principal, pois se encontram na última posição de acento do verso, a mais proeminente de todas, sobre a qual, inclusive, dada a sua predominância rítmica, incide a rima.

(19) Bispo lle diss' assi:
«Dona, per quant' aprendi,

mui mal vossa fazenda
fezestes; e vin aqui
por esto, que ante **mi**
façades end' emenda.»

(Cantiga 7, verso 39)

(20) e quando a no monte teveron, falaron ontre **si**

(Cantiga 5, verso 70)

3. O GRUPO CLÍTICO COMO CONSTITUINTE PROSÓDICO

Uma das perguntas principais da pesquisa diz respeito à possibilidade de considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA, ou seja, uma das tarefas principais desenvolvida consiste em verificar se a consideração do grupo clítico como constituinte é importante ou não para a descrição da prosódia do PA, ou se apenas a consideração da adjunção do clítico à palavra fonológica (formando com esta um constituinte prosódico único) já é suficiente.

Para realizar esta investigação a partir das cantigas religiosas é importante fazer uma breve revisão sobre os constituintes prosódicos, tomando como referência, principalmente, Nespor e Vogel (1986), e mostrar que, a partir daí, para o PB, Bisol (1996) discutiu a questão dos clíticos, chegando à conclusão de que se adjungem ao grupo clítico.

O grupo clítico (C), pelo sistema de hierarquia, trata-se da unidade prosódica que segue imediatamente a palavra fonológica. Bisol (1996, p. 251) afirma que o grupo clítico não existe na proposta de Selkirk (1984), já que é comum considerar o clítico como um componente da palavra fonológica. Seguindo a proposta de Nespor e Vogel (1986), Bisol (1996, p. 252) define o grupo clítico como “a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo”. Ainda a respeito deste constituinte Bisol (1996, p. 251) afirma que existem dois tipos de clíticos, “os que se comportam junto à palavra de conteúdo como uma só unidade fonológica e os que revelam certa independência, submetendo-se às mesmas regras da palavra fonológica”.

The most common approach in phonology is to consider clitics either as belonging to the phonological word, in which case they are considered similar to affixes, or as belonging to the phonological phrase, in which case they are considered similar to independent words. (Nespor; Vogel, 1986, p. 145)

Bisol (1996, p. 252) afirma que “os clíticos do português mostram propriedades de dependência em relação à palavra seguinte ao mesmo tempo que revelam certa independência”. Já a frase fonológica (ϕ) é definida por Bisol (1996, p. 254) como:

[...] constituinte que congrega um ou mais grupos clíticos, ou seja, o grupo clítico propriamente dito e a palavra fonológica, ambos C neste nível. Em outros termos, a frase fonológica é constituída das unidades imediatamente mais baixas: o grupo clítico, que tanto pode ser uma locução (a casa) quanto apenas uma palavra fonológica (casa).

Para avaliar a questão de considerar o grupo clítico como um constituinte prosódico, com relação ao PA, serão investigados três fatores que podem trazer evidências. Primeiramente, serão realizadas a contagem das sílabas poéticas e a distribuição dos acentos poéticos (porque os acentos poéticos costumam recair sobre acentos lingüísticos); além da verificação da coincidência ou não entre acentos musicais (ver seção 3.2 deste artigo) e lingüísticos. Esses dois fatores serão considerados porque podem trazer evidências do caráter tônico ou átono dos clíticos nas dimensões poética e musical. Como, nesses níveis, as proeminências costumam coincidir com proeminências lingüísticas (ou seja, com acentos lexicais primários ou secundários), o fato de os clíticos poderem assumir proeminências poéticas ou musicais pode apontar para seu caráter tônico, em termos lingüísticos; por outro lado, a atonicidade nesses níveis sugere uma atonicidade lingüística. O terceiro fator será a investigação dos processos de sândi; vale apontar a grande relevância dos processos de sândi para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico.

3.1 INVESTIGAÇÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE OS CLÍTICOS RECEBEREM PROEMINÊNCIA POÉTICA

Primeiramente serão tomados como evidência alguns indícios a partir da contagem métrica das sílabas poéticas das cantigas analisadas, para que se possa verificar se existe alguma chance de os pronomes clíticos, presentes nas 40 primeiras cantigas analisadas, receberem proeminência poética. Este dado pode ser obtido, como será exposto por meio de exemplos a seguir, a partir da contagem das sílabas poéticas, verificando se os clíticos recebem o “acento poético” do verso. Esta análise é importante, uma vez que os acentos poéticos costumam recair sobre sílabas acentuadas no nível lingüístico – tanto em termos de acento primário, como em termos de acento secundário.

Em (21) temos um caso em que o acento poético recai sobre a sílaba *o* da palavra *oge*, tal sílaba recebe o acento primário da palavra:

(21) Des¹/o²/ge³/mais⁴/que⁵/r¹ eu⁶/tro⁷/bar⁸

pola Sennor onrrada,

en¹/que²/Deus³/quis⁴/car⁵/ne⁶/fil⁷/lar⁸

(Cantiga 1, versos do 3 ao 5)

Esta investigação é relevante, pois a partir daí poderá ser analisada a possibilidade de os clíticos do PA aparecerem ou não em posição de acento poético; caso apareçam, esta pode ser uma evidência de que possuem alguma proeminência, em nível lexical; se não aparecerem, provavelmente não possuem proeminência no nível lexical, constituindo, junto com o item lexical dotado de acento mais próximo ao qual se subordina, uma palavra fonológica.

Para dar início à explanação das análises é importante comentar que foram verificadas as possibilidades de os clíticos assumirem ou não proeminência poética. A possibilidade de os clíticos não assumirem proeminência poética é o que seria mais esperado, uma vez que, mesmo que os clíticos sejam adjungidos prosodicamente ao grupo clítico, normalmente, nesse nível, são fracos, em comparação com a palavra fonológica hospedeira que é forte, porque é o núcleo. O importante é que puderam ser mapeados, mesmo que poucos, alguns casos em que o clítico assume proeminência poética. Esses casos podem constituir evidência a favor da consideração da adjunção prosódica do clítico apenas no grupo clítico, pois o fato de poderem assumir proeminência poética mostra que têm algum tipo de proeminência em níveis prosódicos inferiores (ou seja, no nível da palavra fonológica).

Em (22), talvez tenhamos um exemplo mais evidente que comprove a possibilidade de alguns clíticos estarem em proeminência poética. Segundo Mettmann (1986), no caso em questão, temos um verso grave de sete sílabas poéticas (heptassílabo); para que se obtenha tal contagem métrica, possivelmente este autor não considerou a junção do pronome oblíquo *a* à palavra *demo*, uma vez que, ao contrário do que ocorre na poesia atual, a elisão era marcada na escrita trovadoresca através da omissão da vogal que deveria ser apagada. O que em regras gerais seria categórico atualmente, já que na contagem métrica quando nos deparamos com um encontro vocálico a regra nos dita que façamos sua união, contanto apenas uma sílaba, não acontece com a lírica trovadoresca.

[...] se uma palavra termina em vogal, dentro do verso, e a palavra seguinte começa por uma vogal, o poeta poderá juntar essas duas sílabas (a sílaba final de

uma palavra e a primeira sílaba da palavra seguinte) em uma sílaba poética apenas, caso elas sejam pronunciadas em um só tempo. (Costa, 2006, p. 6).

Os versos abaixo possuem um ritmo poético claramente alternante entre sílabas fortes e fracas; analisando-os desta forma, os clíticos *a* e *lles* aparecem em posições nas quais se espera que sílabas fortes ocorram. Este fato pode ser uma evidência de que poderiam ter algum nível de proeminência em constituintes inferiores ao grupo clítico, para que possam ser elegíveis para o recebimento da proeminência poética.

(22) lo¹/g¹o²/de³/mo⁴/a⁵/pren⁶/di⁷/a
e¹/con²/muy³/gran⁴/d¹a⁵/le⁶/gri⁷/a
(...)
Gran¹/ref²/fer³/ta⁴/y⁵/cre⁶/ci⁷/a,
ca¹/o²/de³/mo⁴/lles⁵/di⁶/zi⁷/a: (Cantiga 11, versos 37, 38, 41,42,43)

Nos versos da Cantiga 14, transcritos em (23), aponta-se para a possibilidade de a proeminência do acento poético recair sobre as sílabas métricas (1), (4) ou (5) e (7). Tratam-se de hemistíquios heptassílabos (Mettmann, 1986) e nota-se que, em dois dos versos, na sílaba (1), há a presença de um pronome clítico demonstrativo. É importante salientar que a primeira sílaba dos dois hemistíquios dos versos sempre recebe proeminência poética.

(23)
a¹/que²/o³/trou⁴/x¹en⁵/seu⁶/cor⁷/po | e¹/de²/pois³/nos⁴/bra⁵/ços⁶/seus⁷
(...)
Es¹/ta²/Sen³/nor⁴/gro⁵/ri⁶/o⁷/sa | quis¹/gran²/mi³/ra⁴/gre⁵/mos⁶/trar⁷
(...)
de¹/le²/e³/con⁴/gran⁵/le⁶/di⁷/ça | lo¹/go²/a³/le⁴/var⁵/cui⁶/dou⁷;
(...)
Pois¹/que²/San³/Pe⁴/dr¹es⁵/to⁶/dis⁷/se | a¹/Deus², res³/pos⁴/ll¹el⁵/as⁶/si⁷:
(...)
se¹/non²/por³/San⁴/ta⁵/Ma⁶/ri⁷/a, | a¹/que²/Deus³/lo⁴/deu⁵/en⁶/don⁷.

A partir da constituição poética dos versos analisados, é possível mapear casos em que os clíticos assumem proeminência poética e outros casos (mais comuns) em que não assumem. A possibilidade de não assumirem proeminência poética corresponde à situação que seria mais esperada, uma vez que, mesmo que os clíticos sejam adjungidos prosodicamente ao grupo clítico, normalmente, nesse nível, são fracos, em comparação com a

palavra fonológica a que se subordinam, que é forte, porque é o núcleo. O importante é que puderam ser mapeados, mesmo que poucos, alguns casos em que o clítico assume proeminência poética. Esses casos podem constituir evidência a favor da consideração da adjunção prosódica do clítico apenas no grupo clítico, pois o fato de poderem assumir proeminência poética, mesmo que esporadicamente, mostra que têm algum tipo de proeminência em níveis prosódicos inferiores (ou seja, no nível da palavra fonológica).

Os dados de proeminência poética podem nos apontar para a consideração do grupo clítico como um constituinte prosódico relevante no PA, mesmo que as análises realizadas afirmem, sintática e fonologicamente, a atonicidade deste grupo, uma vez que seus constituintes sempre se subordinam a outras palavras. Os exemplos acima podem confirmar que em alguns casos, possivelmente, ocorre a proeminência poética de pronomes clíticos; sendo assim, é importante ressaltar que tais dados sugerem um problema ou até mesmo uma contradição, uma vez que, como já foi afirmado anteriormente, os clíticos são, necessariamente, átonos e, portanto se subordinam a uma palavra portadora de acento.

Esta possível contradição talvez possa ser esclarecida se considerarmos os clíticos não tão “clíticos” quando aparecem em proeminência poética, assim como os considera Massini-Cagliari (2008b, p.15) a partir de uma abordagem em relação a proeminência musical: “naquela época, os clíticos talvez pudessem assumir proeminência – o que os torna subordinados prosodicamente, mas não completamente átonos, portanto, não tão “clíticos”. O que a autora quis dizer com esta afirmação é que, em um nível prosódico inferior, lexical, os clíticos do PA podem receber proeminência; desta forma, a sua atonicidade só pode ser compreendida se considerada em níveis prosódicos superiores, na formação de palavras fonológicas ou mesmo de grupos clíticos, uma vez que, a cada nível prosódico superior, são agrupados os constituintes dos níveis hierárquicos inferiores, sendo estabelecida uma relação de proeminência entre esses constituintes (cf. Nespor e Vogel, 1986; Bisol, 1996).

Desta forma, a constatação de que os pronomes clíticos podem assumir proeminência poética, mesmo que apenas esporadicamente, é um argumento a favor da consideração de que assumem proeminência no nível lexical, ou seja, da palavra fonológica, e de que são adjungidos prosodicamente no nível do grupo clítico. Mesmo do ponto de vista de Selkirk (1984), que não considera o grupo clítico um nível prosódico independente, o fato de os clíticos nas CSM poderem assumir proeminência poética sugere que, na hierarquia prosódica considerada por essa autora, eles teriam que ser considerados como palavras fonológicas

independentes, que se adjungiriam à palavra fonológica seguinte (próclise) ou anterior (ênclise), sempre em uma relação de menor proeminência, em relação a esta.

3.2 INDÍCIOS A PARTIR DA MÚSICA

Como o *corpus* de análise desta pesquisa constitui-se de uma coleção de cantigas religiosas em louvor da Virgem Maria, com notação musical, o mapeamento das posições tônicas tanto no nível musical como no nível prosódico pode fornecer pistas a respeito do caráter tônico ou átono do clítico no PA e, desta forma, evidências a respeito do domínio de sua adjunção: se à palavra fonológica ou no grupo clítico.

A este respeito Massini-Cagliari (2008a, 2008b) e Costa (2008) desenvolveram estudos relevantes com base na abstração da estrutura prosódica de um período passado da língua a partir da análise dos ritmos poético e musical das CSM. Massini-Cagliari (1995, 1999) foi a primeira a elaborar um estudo do acento lexical do PA, ao propor uma metodologia que enfoca os itens lexicais em posição de rima, proeminência principal do verso, para estabelecer os padrões acentuais do PA – período da língua para o qual não sobreviveram registros orais (Massini-Cagliari, 2008a, p.11).

A metodologia de trabalho desenvolvido por estes dois autores aponta para a possibilidade de se realizar uma análise linguística do acento e do ritmo (linguísticos) do PA a partir de um paralelo com o texto poético e a notação musical:

A idéia que subjaz a esta metodologia é a de as proeminências musicais devem se combinar preferencialmente com proeminências nos níveis poético e lingüístico. Desta forma, a divisão dos compassos musicais das cantigas e a localização dos tempos fortes das batidas musicais podem auxiliar, por exemplo, na determinação de proeminência principal de palavras que não tenham ocorrido em posição de rima no *corpus* (a sílaba que ocorre em posição de proeminência musical tem muito mais chance de ser tônica do que a que não ocorre); ou na determinação do *status* prosódico (átono ou tônico) de clíticos (que geralmente não ocorrem em posição tônica final de verso). (Massini-Cagliari, 2008b, p.14)

Através da análise de várias cantigas os autores puderam demonstrar a possibilidade de os clíticos apresentarem proeminência musical, fato que pode sugerir a possibilidade de considerar o grupo clítico como um constituinte prosódico, já que “a observação de fatos desta natureza mostra que a notação musical pode também servir para dirimir dúvidas quanto à delimitação de constituintes prosódicos em posição final e interna de verso” (Massini-Cagliari, 2008a, p.21).

[...] da mesma forma como ocorre com as canções atuais em PB e em outras línguas, há a possibilidade de sílabas com outra pauta prosódica, átonas finais, pretônicas ou monossílabos átonos (clíticos) caírem na posição proeminente em nível musical. (Massini-Cagliari, 2008a, p.21)

Costa (2008) aponta para um dado importante a respeito dos monossílabos, muito relevante para esta investigação, já que os pronomes clíticos são monossílabos. Tal apontamento feito pelo autor assegura a possibilidade de tal tipo de palavras receberem proeminência poética, mesmo que gramaticalmente não recebam acento.

Em relação aos monossílabos, levando-se em consideração a questão da tonicidade, pode-se dizer que eles podem ser acentuados ou não, dependendo da relação que estabelecem com as demais sílabas das outras palavras. Sendo assim, se eles estiverem localizados em um lugar de proeminência musical, também serão proeminentes em relação às outras sílabas que os rodeiam no nível lingüístico, já que uma maior intensidade na nota musical provavelmente exigirá uma maior intensidade na pronúncia da sílaba. (Costa, 2008, p.4)

Em uma de suas análises Massini-Cagliari (2008c, p.4) mostra que monossílabos considerados átonos receberam proeminência poética, entre tais monossílabos a autora encontrou pronomes clíticos. “Esta é uma pista de que, naquela época, os clíticos talvez pudessem assumir proeminência, mesmo a principal, em certos versos – o que os torna de geralmente subordinados, mas não completamente átonos, a prosodicamente independentes, portanto, não tão “clíticos”” (Massini-Cagliari, 2008c, p. 4).

A respeito dos resultados obtidos, Massini-Cagliari (2008a, p. 22) afirma que a extração de elementos da notação musical pode se constituir em argumentos para a realização das cantigas quanto à delimitação de constituintes prosódicos mais altos.

Os exemplos focalizados mostram que é possível extrair elementos da notação musical que podem se constituir em argumentos para a realização fonética das cantigas, quanto à sua estrutura silábica e ao seu ritmo lingüístico (no que diz respeito à ocorrência de acentos secundários, à identificação do padrão prosódico de palavras específicas e à delimitação de constituintes prosódicos mais altos). (Massini-Cagliari, 2008a, p.22)

Neste sentido, como os clíticos do PA podem assumir proeminência em nível musical, e como, nesse nível, na maior parte das vezes as proeminências musicais se combinam com proeminências lingüísticas, pode-se dizer que esse fato se constitui em uma

evidência de que os clíticos, naquela época, tinham algum tipo de proeminência, no nível lexical. Assim sendo, só poderiam ser adjungidos prosodicamente no nível do grupo clítico, em termos de constituição prosódica.

3.3 O PROCESSO DE SÂNDI NAS CANTIGAS RELIGIOSAS DE SANTA MARIA

Este artigo aborda os processos de sândi vocálico externo nas Cantigas Santa Maria de Afonso X, lembrando que é importante ressaltar a relevância de tais processos para a averiguação da consideração ou não do grupo clítico como constituinte prosódico.

Neste sentido, é exposto a importância da pauta prosódica e do posicionamento do acento lexical, bem como fatores de outra natureza, relacionados ao status das sílabas dos clíticos fonológicos.

Ainda versando sobre o sândi externo, a autora citada afirma que esse processo está condicionado por fatores lingüísticos, uma vez que, a ocorrência de elisões, hiatos e ditongações é determinada muito mais “pela própria estrutura da língua dos trovadores do que pela sua ‘vontade’” (Massini-Cagliari, 2005, p. 221).

É importante destacar que serão analisadas apenas as sequências formadas em junturas de palavras (entre um clítico e outra palavra, ou entre um clítico e outro), em que cada vogal pertence a palavras diferentes (a primeira vogal pertence à última sílaba da primeira palavra, e a segunda vogal, à primeira sílaba da segunda palavra – que tem que ser iniciada por vogal).⁶

Primeiramente, em relação ao fenômeno de sândi, será exposto o processo de elisão, já que, como foi dito na seção anterior, foi o processo que se mostrou mais produtivo em relação aos pronomes oblíquos. Massini-Cagliari (2005, p. 224) também pôde comprovar a maior produtividade da elisão em seu trabalho de livre docência, afirmando que a “elisão é, pois, de modo geral, o processo de sândi mais recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas”.

Para melhor ilustrar a aplicação da elisão, tomemos a exemplificação utilizada por Massini-Cagliari (2005, p.220):

⁶ O processo de sândi vocálico externo só ocorre entre vogais, uma vez que as consoantes bloqueiam tal processo.

Como exemplos da aplicação do processo de elisão, podem ser citados casos de supressão da vogal da preposição DE, seguida de palavras iniciadas por vogal: *linha d'água, galinha d'angola, frescor d'orvalho, cantigas d'amigo, cantigas d'amor*. Pode ocorrer, também, entre duas palavras lexicais, independente de sua classe gramatical: *blusa usada* → *blususada*; *leite em pó* → *leit[ĩ]pó*; *conta histórias* → *contistórias*. Exemplos de elisão, retirados de cantigas medievais profanas, são: *e nõ me seiconsel lachar* (“e non me sei conselh’ achar” - A16-v.7, na versão de Michaëlis de Vasconcelos, 1904, p. 37); *de todo ben sempr o mellor* (“de todo ben sempr’o melhor” - A42- v.11, Michaëlis de Vasconcelos, 1904, p. 91); *Que tristoie meu amigo* (“que trist’oj’ é meu amigo” - B555-v.1, Nunes, 1973, p. 7).

Este dado é muito importante para a comprovação da elisão como o processo que gerou mais produtividade já que, como afirma Massini-Cagliari (2005, p. 239):

a possibilidade de a vogal de um monossílabo se elidir ou não com a vogal seguinte (do início da palavra seguinte) está relacionada mais diretamente com o grau de tonicidade desse monossílabo (e com restrições fonotáticas [...]) do que com a quantidade de sílabas das palavras envolvidas.

Comprovada a maior tendência de os monossílabos átonos se elidirem, serão expostos alguns dos casos de elisão presentes nas 40 primeiras CSM. Primeiramente serão abordados os clíticos *me, lhe, te, se, che* e *xe*, cujas vogais normalmente se elidem antes de outro fonema vocálico. Sobre estes pronomes clíticos, Massini-Cagliari (2005, p. 244) também observou que podem ser elididos com a vogal inicial da palavra seguinte, como pode ser comprovado nos exemplos utilizados por ela em seu trabalho:

- (24) edixilheu q nõ lhera mest~ (B⁷719-15)
tornou muj triΣte eu ben lhentendi (B719-5)
edefendilho eu e hunha ren (B719-3)
o al non lle coita de pran (A155-14) (lle = ll' é)
Ca llo nego pola ueer (A⁸87-15)
e tanto ll' andou o dem' en derredor (CSM76-13)
Pero aveo-ll' atal que ali u sãava (CSM77-35)
atravessou-xe-ll' un osso na garganta, e sarrada (CSM322-23)
Respondeu-ll' o ome bõo: Esto faria de grado (CSM335-36)

Massini-Cagliari (2005, p. 244), baseada em suas investigações a respeito de tais clíticos, concluiu que:

⁷ Massini-Cagliari (2005) utilizou a letra “B” como uma forma de abreviatura para se referir ao *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*.

⁸ Massini-Cagliari (2005) utilizou a letra “A” como uma forma de abreviatura para se referir ao *Cancioneiro da Ajuda*.

são monossílabos essencialmente átonos, na medida em que não seria possível a aplicação da elisão, caso fossem acentuados, por causa da restrição rítmica que bloqueia a ocorrência desse processo quando a primeira palavra acaba em vogal tônica. Assim sendo, devem ser considerados *clíticos*, que se adjungem à palavra imediatamente posterior.

No versos abaixo, retirados do *corpus* analisado, podemos observar o que foi comprovado por Cunha (1961) e por Massini-Cagliari (2005). Temos a elisão da vogal átona do pronome oblíquo dativo *lhe* diante da vogal tônica inicial da palavra que o sucede.

- | | |
|--|------------------------|
| (25) E demais quero- lh' enmentar | (Cantiga 1, verso 23) |
| (26) deu- ll' hũa tal vestidura | (Cantiga 2, verso 11) |
| (27) ll' imos falir e errar | (Cantiga 3, verso 6) |
| (28) o que ll' avêo un dia | (Cantiga 4, verso 26) |
| (29) e vos seede- ll' en logar de madre poren, vos rogu' eu | (Cantiga 5, verso 29) |
| (30) e pode- ll' os peccados perdõar, | (Cantiga 10, verso 11) |

Se nos atentarmos aos exemplos transcritos de (31) a (33), iremos observar que há outro tipo de pronome clítico sujeito à elisão; trata-se do pronome reflexivo *se*. A seguir, serão listados versos em que tal pronome se elidiu diante da vogal inicial tônica da palavra posterior a ele.

- | | |
|---|-----------------------|
| (31) repentiu- ss' e foy perdon | (Cantiga 3, verso 30) |
| (32) Quando' est' ouve dito, cuidou- ss' ir sem falla; | (Cantiga 9, verso 54) |
| (33) e ela s' acomendava, e aquello lle prestou | (Cantiga 13, verso 8) |

Ficou comprovado que o monossílabo *se*, referente ao pronome reflexivo, é átono, uma vez que se submete ao processo de elisão; mas, nas CSM, existe outro monossílabo *se*, que não se submete à elisão, logo deve ser tônico - trata-se da conjunção *se*. Cunha (1961, p.43) considerou este e outros monossílabos como tônicos, atribuindo-lhes o caráter de “*semiforte*”. A respeito desta conjunção, Massini-Cagliari (2005, p. 240) confirma o seu caráter tônico, pois ela jamais se elide com a vogal inicial da palavra seguinte. Sendo assim, esta conjunção não deve ser considerada um clítico fonológico, já que mantém a sua autonomia.

A seguir temos versos nos quais há a conjunção *se* diante de uma palavra iniciada por vogal. Podemos comprovar que a elisão não ocorre, por se tratar de um monossílabo tônico, portanto não clítico.

- (34) ca, **se o** non fezermos, en mal ponto vimos (Cantiga 5, verso 120)
 (35) «Don jogar, **se a** levardes, l por sabedor vos terremos.» (Cantiga 8, verso 35)
 (36) e **se o** disser en mia faz (Cantiga 25, verso 151)

A seguir serão apresentados outros versos nos quais ocorre a elisão dos outros pronomes oblíquos (*me, te, che, xe*). Com estes dados, podemos sugerir a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico, uma vez que os clíticos fonológicos estão sujeitos ao processo de sândi.

- (37) «Meu Fillo esto **ch'** envia.» (Cantiga 2, verso 45)
 (38) dizede-**m'** ora quen sodes ou dond'.» Ela repôs: «Moller (Cantiga 5, verso 76)
 (39) Guari-**m'** est' irmão gaff', e dar-che-ei grand' aver. » (Cantiga 5, verso 164)
 (40) dizendo: «Se Deus **m'** anpar (Cantiga 7, verso 57)
 (41) u **x'** ant' estav', e atou-a | mui de rrig' e diss' assi: (Cantiga 8, verso 34)

Também foram verificados outros casos de elisão que ocorrem entre dois pronomes oblíquos, sendo que ocorre a perda da vogal final do primeiro pronome com a junção gráfica ao pronome que o sucede. Em todos os casos analisados, o primeiro pronome é sempre oblíquo dativo, enquanto o segundo é acusativo.

- (42) de **cho** pagar bem a um dia (Cantiga 25, verso 30)
 → pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *o*
 (43) que por fiança **llas** metia (Cantiga 25, verso 55)
 → pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *as*
 (44) se eu pagar non **llo** podia (Cantiga 25, verso 64)
 → pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *o*

Os pronomes oblíquos constituídos apenas de uma única vogal não sofreram em nenhum momento a elisão. Massini-Cagliari (2005, p. 247) justifica este fato, pois se trata de monossílabos de uma única sílaba, os quais não podem ser elididos, já que nesses casos a elisão não pode se aplicada “por questões de preservação de estrutura, uma vez que, caindo a vogal, nada sobraria da sílaba original – o que acarretaria problemas de ordem semântica, com conseqüências para a interpretação do enunciado”.

Massini-Cagliari (2005, p. 247) também afirma que nestes casos há uma tendência a estes pronomes de uma única sílaba formarem hiato com a vogal inicial da palavra seguinte.

Em (45), para que a contagem métrica feita por Mettman (1986) seja válida, deve ocorrer um hiato entre o pronome oblíquo dativo *a* e a forma verbal *amava*, para que se obtenha um verso de 16 sílabas métricas

(45) de¹/la²/, e³/dis⁴/se⁵/lle⁶/ que⁷/ a⁸/ a⁹/ma¹⁰/va¹¹/ mui¹²/ de¹³/co¹⁴/ra¹⁵/çon¹⁶;

(Cantiga 5, verso 35)

O mesmo acontece em outro verso da mesma cantiga, em que temos formado o hiato entre o pronome oblíquo acusativo *o* e a forma verbal *atan*.

(46) mas¹/o²/ Em³/pe⁴/ra⁵/dor⁶/, quan⁷/do⁸/o⁹/a¹⁰/tan¹¹/ mal¹²/ pa¹³/ra¹⁴/do¹⁵/vyu¹⁶,

(Cantiga 5, verso 50)

Já a ditongação, em todas as 40 cantigas analisadas, só ocorre entre os pronomes *mi* e *ti* seguidos de vogal grafada <a> ou <o>; segundo Massini-Cagliari (2005, p.251) é “o único contexto favorável para a ditongação”. Em (47) e (48) temos dois versos distintos extraídos da cantiga 15. Segundo Mettmann (1986, p. 93), são versos de 9 sílabas métricas, tal metrificação só é possível se considerarmos a ditongação do pronome oblíquo dativo *mi* como as forma verbal *ás*, em ambos os versos.

(47) **mi ás**¹/ que²/ co³/mês⁴/se⁵/ fe⁶/zis⁷/te⁸/ mal⁹

(verso 62)

(48) e es¹/t²/ or³/gul⁴/ho⁵/ que⁶/ **mi ás**⁶/ mos⁷/tra⁸/do⁹

(verso 63)

Há outros casos em que os pronomes oblíquos dativos *mi* e *ti* estão grafados juntamente com pronomes acusativos. Este fato aponta para a ditongação, pois levamos em consideração a contagem das sílabas métricas (Mettmann, 1986) e comprovamos tal processo.

(49) Deus **tio** demande, que pod' e val

(Cantiga 15, verso 64)

(50) en dar-m' este fill' e logo **mio** toller

(Cantiga 21, verso 37)

(51) os queixos ouv', e **mia** vedes trager,

(Cantiga 38, verso 94)

Diante dos dados obtidos, o resultado aponta para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico, já que, assim como Bisol (1996, p. 248) observou para o PB, também foi possível notar que, no PA, os clíticos presentes nas CSM se mostraram independentes, submetendo-se às mesmas regras da palavra fonológica (aos processos de sândi por exemplo).

Em seus estudos, Bisol (1996, p. 248) afirma que “os clíticos do português mostram propriedades de dependência em relação à palavra adjacente ao mesmo tempo que revelam certa independência”. Nos exemplos transcritos abaixo, utilizados por Bisol (1996, p. 248), ficam mais claras as considerações da autora, desta maneira podemos perceber que os clíticos se comportam com certa independência em relação às palavras às quais estão subordinadas.

(52)

a) Um só vocábulo fonológico	b) Um grupo clítico
te considero [te kõnsidEru]ω	[[∞i]ω [kõnsidEru]ω]C
me leve [me lEvi]ω	[[mi]ω [lEvi]ω]C
o leque [o lEki]ω	[[u]ω [lEki]ω]C
leve-me [lEveli]ω	[[lEvi]ω [mi]ω]C

Através de (b), Bisol (1996, p. 248) comprova que os clíticos podem se comportar com certa independência em relação ao vocábulo adjacente, “sofrendo a regra de neutralização tal qual a palavra de acento próprio”. Este fato levou a autora citada acima a interpretar os clíticos, com a palavra adjacente com que se relaciona, como uma locução, ou seja, um grupo clítico (Bisol, 1996, p. 248). Deste modo, define-se grupo clítico “como uma unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo” (Bisol, 1996, p. 248).

Diante de tais considerações, os dados obtidos apontam para a grande possibilidade de se considerar os clíticos como constiuente prosódico, pois o processo de sândi, que também aponta para a independência fonológica dos clíticos, uma vez que é no nível hierárquico do grupo clítico “que as regras de sândi externo começam a manifestar-se” (Bisol, 1996, p. 249).

Quando o sândi ocorre entre dois elementos de um grupo clítico, a reestruturação silábica os converte em uma só palavra fonológica. É neste caso que o clítico perde totalmente sua independência para tornar-se, com a palavra de conteúdo adjacente, uma unidade só. Na escala prosódica, o grupo clítico é, pois, o domínio mais baixo de aplicação do sândi externo. Somente por ação desse, o clítico incorpora-se totalmente à palavra de conteúdo adjacente. (BISOL, 1996, p. 250)

Em todos os exemplos citados, foi possível observar que os casos de elisão, ditongação e hiato apontam, como foi visto em Bisol (1996), para a consideração dos clíticos como palavra fonológica independente, uma vez que estes processos ocorrem somente entre

palavras. Considerando o clítico como palavra fonológica, comprovamos a sua independência, e conseqüentemente, apontamos para a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA.

CONCLUSÃO

Com relação à possibilidade de os clíticos em PA assumirem proeminência no nível poético, verificou-se que, embora não em todos os casos, existe a possibilidade de os clíticos suportarem os acentos da poesia. Ora, como os acentos poéticos sempre recaem sobre sílabas acentuadas (geralmente no nível lexical, mas, às vezes, também sobre acentos secundários), essa possibilidade, mesmo que esporádica, sugere que os clíticos tinham tonicidade de algum tipo (provavelmente no nível da palavra), no momento histórico considerado.

A revisão dos estudos realizados por Massini-Cagliari (2008a, 2008b, 2008c) e Costa (2008) também trouxe subsídios para a investigação realizada já que ambos afirmam a possibilidade de os clíticos não serem tão “clíticos”, uma vez que, podem receber o acento musical, não estando, desta forma, tão subordinados a outras classes de palavras.

Já os estudos realizados apontam para a atonicidade fonológica dos clíticos, o que faz com que eles estejam sujeitos aos processos de sândi, característica que vem comprovar, novamente, a possibilidade de se considerar o grupo clítico um constiuinte prosódico, já que, assim como afirmam Nespor e Vogel (1986, p. 147) um elemento é clítico se, junto com outro palavra, está sujeito às regras de sândi.

an element is a clitic if, together with a word, it is affected by internal sandhi rules; it is an independent word if, together with a word, it is affected by external sandhi rules. By the same token, if an element is counted as part of a phonological word of the purpose os stress assignment, it must be considered a clitic and not a word.

Diante dos resultados obtidos foi possível notar que se trata de dados relevantes e interessantes ao estudo da origem e da evolução da prosódia do Português, que ainda são, em grande parte, um dos pontos mais inexplorados da história da nossa língua. Desta forma, a descrição dos fenômenos prosódicos e de sua relação com os processos segmentais de um período passado desta língua (no caso, o PA) constitui uma contribuição importante no sentido de elucidar mais completamente a história da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABAURRE, M. B. M.; Ch. C. GALVES; Ester Miriam SCARPA. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do Português Brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. in Scarpa, Ester Miriam (org.) *Estudos de Prosódia*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. pp. 285-323.
2. ABAURRE, Maria Bernadete; GALVES, Charlotte As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. *Delta*, 1998, vol.14, no.2, p.377-403.
3. BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
4. BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ° ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
5. BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 247-261.
6. BUENO, F. da S. *Estudos de Filologia Portuguesa*. 4ª edição. São Paulo: Saraiva, 1963.
7. CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, [1973].
8. CÂMARA JR, J. M. J. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
9. CÂMARA JR., J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Padrão, 1985. (1ª edição brasileira: 1975)
10. CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1989. (1ª edição: 1970)

11. COSTA, Daniel Soares da. Música e Lingüística: uma metodologia para estudos da prosódia do português arcaico. *Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. São Paulo, USP, 28 a 30 de maio de 2008. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/anais_simcam4.htm Acesso em 06 abril 2010.
12. COSTA, Daniel S. *Estudo do acento lexical no Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. Araraquara: FCL/UNESP, 2006. Dissertação de Mestrado.
13. CUNHA, C. F. da. *Estudos de poética trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: MEC, 1961.
14. CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A, 1970.
15. DUBOIS, J. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
16. GALVES, C. M. C. ; SOUSA, M. C. P. ; BRITTO, H. The change in clitic-placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2005.
17. GALVES, C. M. C. ; SANDALO, Filomena . Clitic-placement in Modern and Classical European Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics*, Boston, v. 47, p. 115-128, 2004.
18. GALVES, C.; ABAURRE, M.B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. Disponível em http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/abaurre/abaurre_galves.htm. Acesso em 09 abril 2010.
19. LAPA, R. M. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*. Rio de Janeiro: MEC, 1965.
20. LAPA, R. M. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. 6.ed. Coimbra: Limitada, 1966.
21. LEÃO, Ângela Vaz. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
22. MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística)- IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.
23. MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

24. MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Livre Docência em Fonologia) – Departamento de Lingüística/ UNESP, Araraquara 2005.
25. MASSINI-CAGLIARI, G. . Das cadências musicais para o ritmo lingüístico: uma análise do ritmo lingüístico do português arcaico, a partir da notação musical das Cantigas de Santa Maria. *Revista da ABRALIN*, v. 7, p. 9-26, 2008a.
26. MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Interface Fonologia-Poesia-Música: uma análise do ritmo lingüístico do Português Arcaico, a partir da notação musical das Cantigas de Santa Maria. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 9-20, jan.-abr. 2008b. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N1.pdf. 01. Acesso em: 29 de maio de 2009.
27. MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Do ritmo musical para o ritmo lingüístico, a partir da análise de uma *Cantiga de Santa Maria* de Afonso X. *Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. São Paulo, USP, 28 a 30 de maio de 2008c. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/anais_simcam4.htm Acesso em 06 jun 2009.
28. MATEUS, M.H.M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. 4ª ed. Lisboa: Caminho, 1994.
29. METTMANN, W. (ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia, 1986.
30. METTMANN, W. (ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*. Madrid: Castalia, 1988.
31. METTMANN, W. (ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427)*. Madrid: Castalia, 1989.
32. MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das lições práticas de português arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, [19--].
33. NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
34. SELKIRK, E. O. *Phonology and Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.
35. SILVA NETO, S. da. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
36. SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. (1ª edição: 1957)

37. VASCONCELLOS, J. L. de. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
38. XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa:Cosmos, 1990. v. 1.
39. WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

ABSTRACT: This article aims to show the direction of clitic pronoun adjunction in Archaic Portuguese (13th century), analyzing the texts of the reminiscent religious medieval cantigas (420 *Cantigas de Santa Maria*, compiled by Alfonso X, the Wise). The objective is to determine the cliticization direction, in order to find clues to the formation of superior prosodic constituents (phonological word, clitic group, phonological phrase, intonational phrase and prosodic utterance), based on the consideration of the syntactic structure of the sentence and the direction of the syntactic cliticization. As the origin and the evolution of Portuguese prosodic phenomena are one of the most unexplored points of our linguistic history, the description of prosodic phenomena and its relation to segmental processes in a past period of the language represents an important contribution in the sense of enlightening specific points of Portuguese history. The theoretical framework comes from non-linear phonological models, especially Prosodic Phonology (Selkirk, 1980, 1984; Nespor & Vogel, 1986; Tenani, 2002). The methodology is based on mapping all unstressed pronouns in the cantigas. The analysis is quantitative and qualitative; departing from the quantification of the occurrence of accusative, dative and reflexive pronouns and its positioning, the purpose is to find clues on the formation of superior prosodic constituents.

KEYWORDS: Clitic pronoun; Clitic group, Prosodic.

Recebido no dia 05 de junho de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 01 de agosto de 2010.